

Rinaldo de Fernandes

**VARGAS LLOSA:
UM PRÊMIO NOBEL EM CANUDOS**
*Ensaio de literatura brasileira
e hispano-americana*

G a r a m o n d

Sumário

O conto brasileiro do século 21	7
<i>Os sertões</i> : diagnóstico da formação da sociedade brasileira	32
Quase biografia de Euclides da Cunha	35
Vargas Llosa – um Prêmio Nobel em Canudos (O romance <i>La guerra del fin del mundo</i>)	40
<i>Os sertões</i> na leitura de Vargas Llosa: quatro personagens de <i>La guerra del fin del mundo</i>	57
O herói do meio: a teoria do romance histórico de Georg Lukács	81
O surgimento e a evolução do romance histórico na América Latina	92
A estrutura do conto “Bestiário”, de Cortázar	110
<i>Memória de minhas putas tristes</i> , de García Márquez	116
Três romances brasileiros contemporâneos: <i>Um amor anarquista</i> , <i>Nhô Guimarães</i> e <i>Lunaris</i>	119
José Lins do Rego – aspectos da obra, considerações da crítica	132
<i>São Bernardo</i> : a reificação de Paulo Honório revisitada	138
Quem determina o que é a literatura brasileira contemporânea	159
O escritor nordestino e o mercado editorial	162
Conformadas e recolhidas: análise de “Mulheres de Atenas”, de Chico Buarque	164

Sob as barbas do Redentor: análise de “Las muchachas de Copacabana”, de Chico Buarque	178
Qual o melhor, o livro ou o filme <i>Benjamim?</i>	189
Impiedade e ironia na contística de Renato Tardivo.....	192
O romântico popular: Chico e Tom	196
Todas as vagas: análise de um poema de Gullar	207
Machado de Assis e o sadismo: análise de “A causa secreta”	211
O preparo e os propósitos de uma antologia: recriando narrativas de Machado de Assis.....	222
Literatura paraibana recente: um balanço mais que positivo	229
Chico Buarque: vida e obra	245

Anexos

Entrevista exclusiva sobre Euclides da Cunha	266
Entrevista exclusiva sobre Chico Buarque	276
Sobre o Autor.....	283

O conto brasileiro do século 21¹

Nota:

Para compor o presente ensaio me vali da minha experiência de crítico (em minha coluna no jornal *Rascunho*, de Curitiba, tenho sempre tratado de contos contemporâneos), de professor de Literatura Brasileira e, sobretudo, de antologista. Como é sabido, organizei, já nos anos 00, três antologias: *Contos cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea* (São Paulo: Geração Editorial, 2006), *Quartas histórias: contos baseados em narrativas de Guimarães Rosa* (Rio de Janeiro: Garamond, 2006) e *Capitu mandou flores: contos para Machado de Assis nos cem anos de sua morte* (São Paulo: Geração Editorial, 2008). Constam dessas antologias 118 contos, que li atentamente. Convivi meses com eles, comentei-os com muitos dos seus autores. Um *corpus* tão amplo, envolvendo escritores dos mais expressivos de nossa literatura atual, alguns já consagrados (a exemplo de Luiz Vilela, Dalton Trevisan, Moacyr Scliar, Rubem Fonseca, Lygia Fagundes Telles e Nélide Piñon), outros emergentes e ainda algumas promessas, não poderia, pelo menos em parte, ficar de fora de uma pesquisa séria sobre o conto brasileiro do século 21. Procuo, assim, não exclusivamente, já que utilizo várias outras referências, dialogar com esse *corpus*, atento em especial à força dos emergentes. No ensaio, comento 28 contos, distribuindo-os em cinco vertentes, que, penso, podem ser úteis como primeira tentativa de classificação do conto brasileiro do século 21. Se às vezes o ensaio beira o depoimento pessoal ou se faz em tom de quase conversa, afastando-se da dicção acadêmica, isto não impede que, no corpo-a-corpo com os contos, o comentário crítico seja criterioso, objetivo, esforçando-se o máximo para interpretar uma primeira e indispensável camada da narrativa, o que poderá auxiliar o leitor comum ou o pesquisador. E ainda o professor – devidamente equipado com os contos aqui abordados – em sala de aula.

1 Publicado no jornal *Rascunho* (Curitiba/PR), edição de maio/2010.

No Brasil hoje há bons escritores, prosadores e poetas, sendo que, até onde tenho acompanhado, o conto tem sido o gênero de destaque. Não apareceu ainda o grande romancista ou o grande poeta, aquele autor que de alguma forma *desestabiliza*, que traz algo de impacto, com cara de novo. Parece-me que os dois últimos grandes romances brasileiros são *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão, e *A Festa*, de Ivan Ângelo, ambos da década de 70. Não quero dizer com isso que não tenham surgido outras obras de qualidade. É no sentido mesmo dessa *desestabilização formal* de que falei. Mas cito aqui alguns bons romancistas mais recentes: Miguel Sanches Neto, André Sant’Anna, Milton Hatoum, Luiz Ruffato, Paulo Lins, Patricia Melo, Aleilton Fonseca, Ronaldo Correia de Brito, Chico Buarque, Maria Esther Maciel, Bernardo Carvalho, Cristovão Tezza, Altair Martins, Aldo Lopes de Araújo, Nelson de Oliveira, Ricardo Lísias e Beatriz Bracher (formalmente, Chico Buarque e Ruffato talvez sejam, do conjunto, os mais inquietos). Com a poesia acontece algo parecido. Os poetas mais velhos ainda dominam a cena. Caso especialmente de Ferreira Gullar e Manoel de Barros. Os contistas, por sua vez, estão num momento muito instigante. Nota-se uma variedade de formas no conto, que vai do minimalismo ao realismo brutal, passando pela vertente intimista (ainda nas pegadas de Clarice Lispector), pela narrativa fragmentária ou mesmo experimental. O conto tem narrado situações típicas do homem contemporâneo – como, por exemplo, a violência ou mesmo a penúria, a miséria brasileira – de forma aguda, veemente. Isto pode ser comprovado nas antologias ultimamente organizadas por mim, por Nelson de Oliveira e por Luiz Ruffato. Os contistas têm até mesmo se “aventurado”, e às vezes de forma bem original, a recriar autores consagrados de nossa literatura. É mesmo um desempenho formidável do gênero.

No que se refere aos escritores nordestinos: o Ciclo do Romance de 30 foi um acontecimento notável em nossa literatura, revelando autores como Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado. Eles renovaram o romance brasileiro, projetando o Modernismo para a problemática social. Creio que, atualmente, autores nordestinos como Antônio Torres, Francisco Dantas, Ronaldo Correia de Brito ou

mesmo Aldo Lopes de Araújo conseguem manter um diálogo rico, não raro original, com essa tradição do nosso romance regionalista. Há autores com outros traços, a exemplo de José Nêumanne Pinto, com o romance *O silêncio do delator*, que retrata, de forma paródica, alguns ícones da cultura urbana e de massa da segunda metade do século XX. Outro exemplo, ainda inserido na tradição regionalista mas com soluções diferentes, é a narrativa dialógica, intertextual, de Aleilton Fonseca, que resgata o universo e a oralidade de Guimarães Rosa (refiro-me ao romance *Nhô-Guimarães*) ou mesmo o imaginário e as teorias interpretativas de Canudos (no romance recente *O pêndulo de Euclides*). Cito ainda Homero Fonseca e seu romance *Roliúde*, que se relaciona com a tradição picaresca. Por outro lado, no Nordeste hoje há metrópoles, com os mesmos problemas de todas as metrópoles, e uma literatura nova, urbana, está surgindo forte ou mesmo, em certos casos, já se consolidou, tendo como bons exemplos as narrativas curtas de Ronaldo Correia de Brito, Antonio Carlos Viana, Tércia Montenegro, Marcelino Freire, Raimundo Carrero, Marília Arnaud, Carlos Ribeiro, Nilto Maciel, Pedro Salgueiro, Luzilá Gonçalves, Suênio Campos de Lucena, Carlos Emílio Corrêa Lima, Jorge Pieiro, Carlos Gildemar Pontes, Ronaldo Monte, Wellington Pereira, Geraldo Maciel (falecido precocemente), Antonio Mariano, Arturo Gouveia, Lima Trindade, entre alguns outros. Ainda autores importantes, nessa direção, são W. J. Solha e Maria Valéria Rezende, que, sendo de outras regiões, há muito tempo vivem no Nordeste. Essa nova literatura urbana nordestina, por tratar de problemas parecidos com os dos grandes centros, não tem muita diferença da literatura produzida no Sudeste/Sul. Claro: há outros autores, aqui não citados, que estão fazendo literatura de qualidade em outros pontos do país. Como é o caso de Vera do Val, paulista radicada no Amazonas, ganhadora do Prêmio Jabuti de 2008 com o livro de contos *Histórias do Rio Negro*.

Disse, de início, que o conto tem sido o gênero de destaque em nossa literatura. Observo, nesse sentido, cinco vertentes principais do conto brasileiro do séc. XXI: 1) a da violência ou brutalidade no espaço público e urbano; 2) a das relações privadas, na família ou no trabalho, em que aparecem indivíduos com valores degradados, com perversões e não raro em situações também de extrema violência,

física ou psicológica; 3) a das narrativas fantásticas, na melhor tradição do realismo fantástico hispano-americano, às quais se podem juntar as de ficção científica e as de teor místico/macabro; 4) a dos relatos rurais, ainda em diálogo com a tradição regionalista; 5) a das obras metaficcionalis ou de inspiração pós-moderna. O que une todas essas vertentes é o olhar cruel e irônico sobre as situações configuradas. O olhar cruel sobre a existência que os nossos melhores contistas herdaram de Machado de Assis.

É bom dizer, por outro lado, que às vezes num mesmo autor, numa mesma obra, coexistem duas ou mais dessas vertentes.

A seguir, tratarei mais detalhadamente das cinco vertentes, comentando contos e indicando autores que as representam.

1) A vertente da violência ou brutalidade no espaço público e urbano

Quando, no segundo semestre de 2002, ministrei para universitários (na UFPB) um curso sobre o conto brasileiro, percebi que os textos mais perversos, brutais, despertavam nos estudantes um enorme interesse. Talvez porque eu – que tenho admiração pelo elemento cruel do gênero – de algum modo influenciasse os alunos ao ler de forma mais enfática determinadas narrativas. Na ocasião, fizemos leituras comentadas de cerca de 30 contos de autores brasileiros da segunda metade do séc. XX – Guimarães Rosa, Murilo Rubião, José J. Veiga, Moreira Campos, Dalton Trevisan, Clarice Lispector, Rubem Fonseca, João Antônio, Lygia Fagundes Telles, Luiz Vilela e alguns autores da chamada Geração 90 (a que Nelson de Oliveira deu visibilidade, ao organizar – prestando um grande serviço ao conto recente – as antologias *Geração 90: manuscritos de computador* e *Geração 90: os transgressores*, que incluem nomes hoje já bem conhecidos, como Luiz Ruffato, Marcelo Mirisola, Marçal Aquino, Marcelino Freire – este já premiado com o Jabuti –, Cíntia Moscovich, Altair Martins – vencedor em 2009 do Prêmio São Paulo de Literatura/Autor Estreante/Romance –, André Sant’Anna, Ivana Arruda Leite, entre outros). O resultado daquele curso não poderia ser melhor – muitos dos estudantes disseram que passaram a gostar de contos depois de nossas leituras